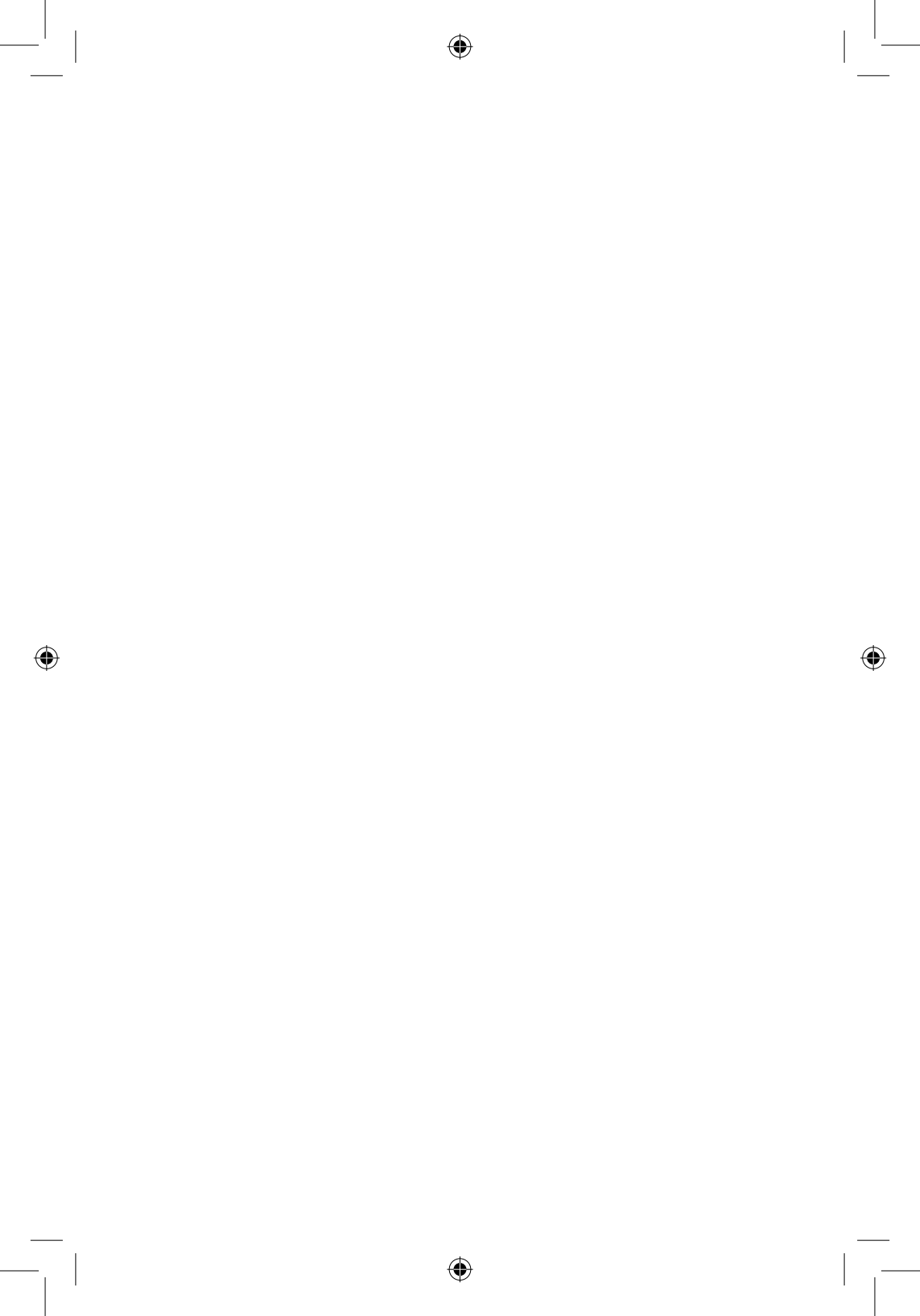
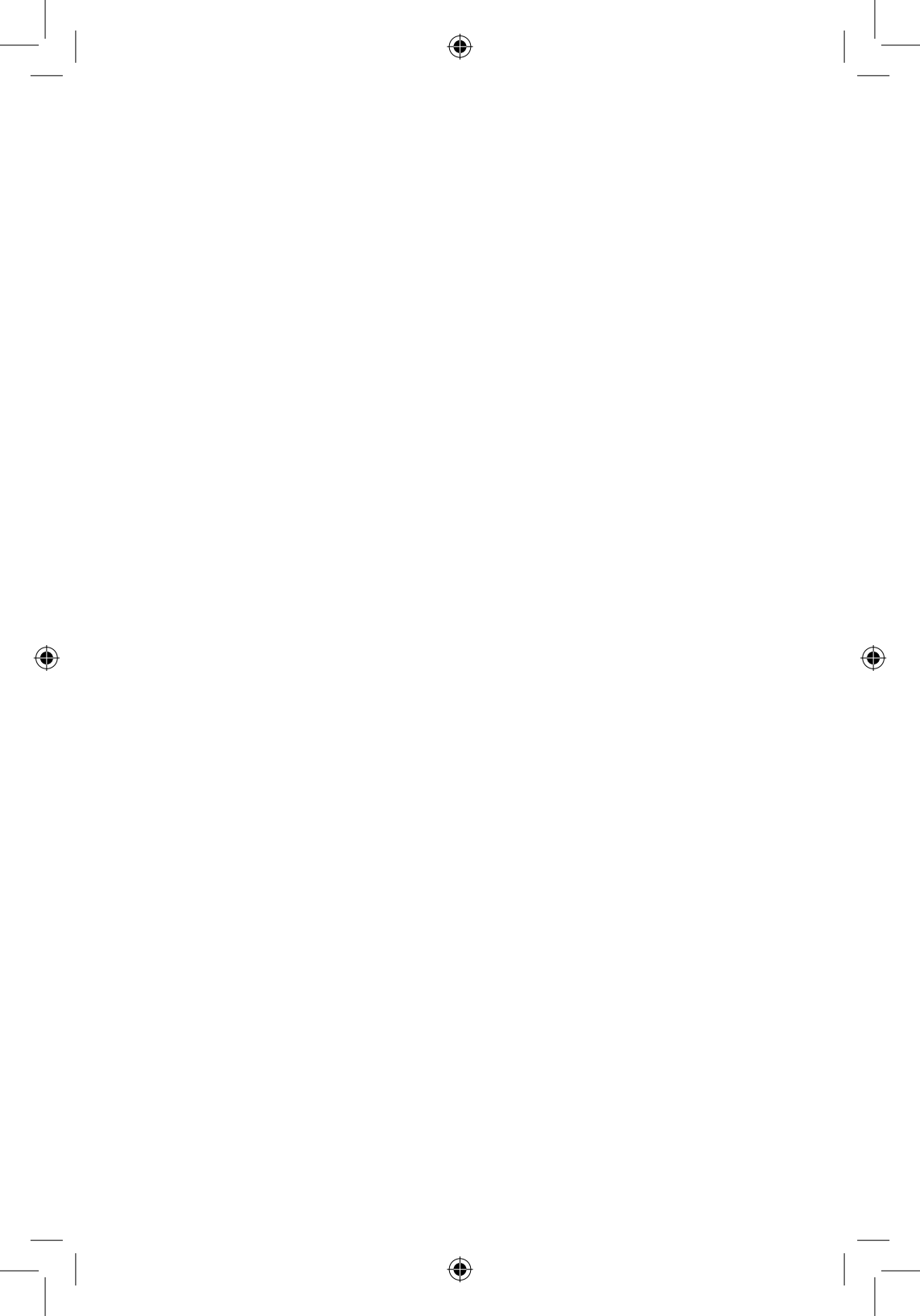
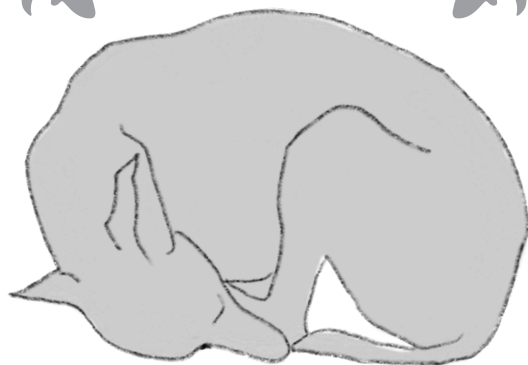








O Latir de um Cão **e outros contos**

Diana Colaço

Título Original: O Latir de um cão e outros contos

Autora: Diana Colaço

Copyright © Editora Nova Geração & Diana Colaço

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Edição: Susana Sousa

Revisão: Vânia Leite e Ana Domingues

Paginação: Tânia Roberto

Capa: Tomás Nogueira

Ilustração Capa: Madalena D'Almeida

1ª Edição: outubro de 2026

Acabamento/Impressão:

MIAUF

É uma chancela da Editora Nova Geração

© 2026

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

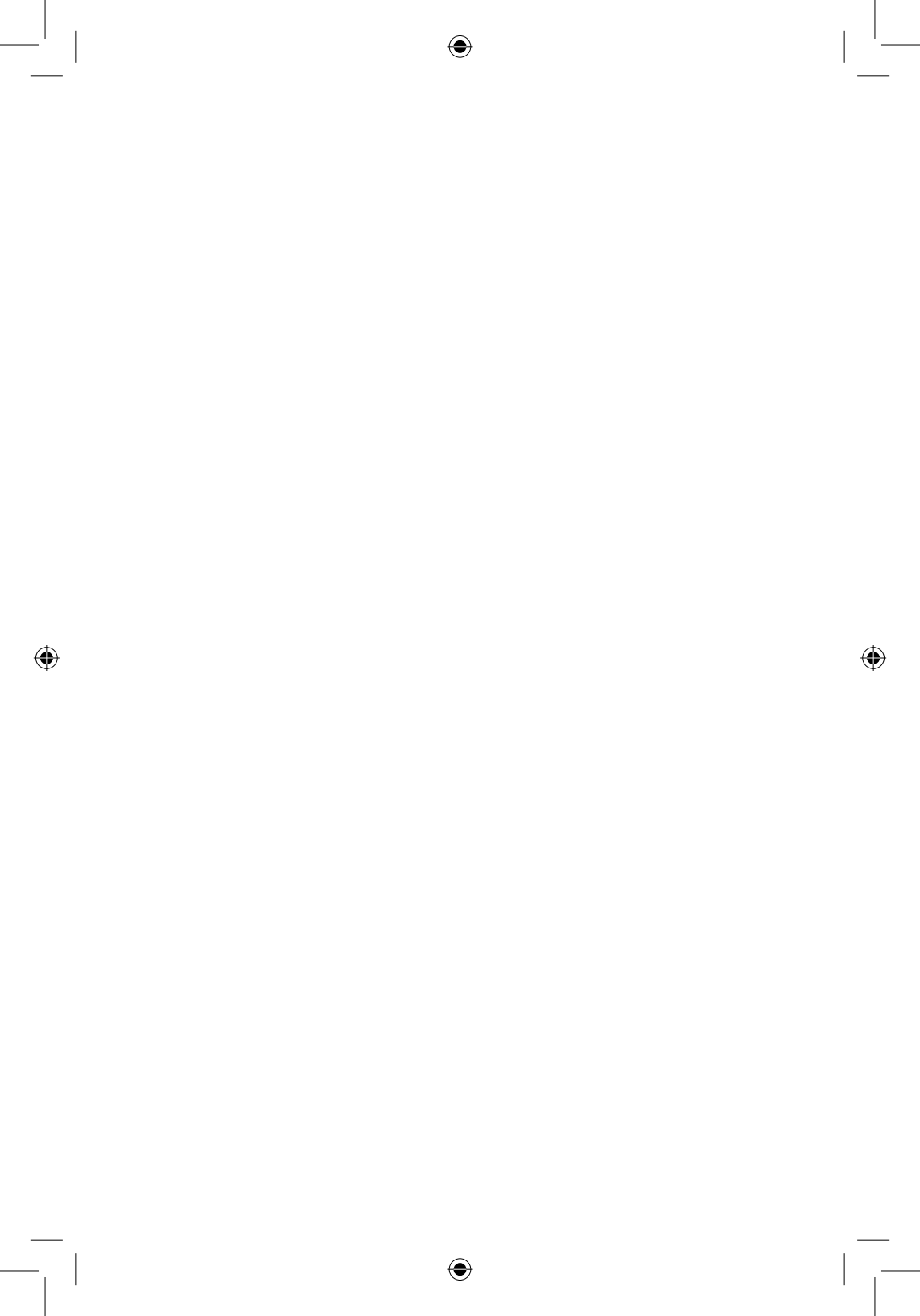
Depósito Legal:

ISBN: 978-989-4908-94-4

editora
**nova
ger**



Para todos os que sonham o impossível e o agarram
com unhas e dentes.



“For fantasy is true, of course. It isn’t factual, but it is true. Children know that. Adults know it too, and that is precisely why many of them are afraid of fantasy.”

— Ursula K. Le Guin, *The Language of the Night*¹

¹ Porque a fantasia é verdadeira, claro. Não é factual, mas é verdadeira. As crianças sabem-no. Os adultos também, e é precisamente por isso que tantos deles temem a fantasia.

— Ursula K. Le Guin, *A Linguagem da Noite*



POEMA DE ABERTURA

As notas que julgava perdidas
Ainda as ouço
Os passos de dança que julgava esquecidos
Ainda os sei
E, por isso, danço
Danço como se o amanhã não houvesse
Deixo que o meu corpo me leve
Decida onde pousar
Deixo que os meus pés sintam o chão
Os meus braços e mãos o ar
Deixo que os olhos fechem
E os pulmões respirem
Sinto

De Diana Colaço



NOTA DA AUTORA

HÁ LIVROS que marcam um momento da nossa vida. Este acompanha-me desde quase sempre.

O Latir de Um Cão e outros contos foi o primeiro livro que publiquei e, por isso, ocupará sempre um lugar muito especial no meu coração. Vê-lo ganhar agora uma nova edição, desta vez em formato físico, é como regressar a casa e reencontrar uma parte de mim.

As histórias reunidas neste livro nasceram ao longo de vários anos da minha infância e adolescência. O primeiro conto, aquele que dá título ao livro, começou a ser escrito quando tinha entre oito e doze anos. Outros foram crescendo comigo e só encontraram a sua forma definitiva já no final da adolescência, durante o ensino secundário.

Poderia tê-los reescrito agora. Poderia polir frases, alterar enredos ou transformar personagens. Mas, se o fizesse, estes deixariam de ser os mesmos contos. Seriam histórias diferentes, escritas pela pessoa que sou hoje, e não pela criança e pela adolescente que lhes deram origem.

Por isso, decidi preservá-los na sua essência. Porque acredito que há algo de profundamente bonito em poder observar o mundo através dos olhos de quem ainda o estava a descobrir. Há uma sinceridade e uma imaginação muito próprias na escrita de uma criança, e gosto de pensar que estas páginas guardam um pouco dessa voz: imperfeita, talvez, mas genuína.

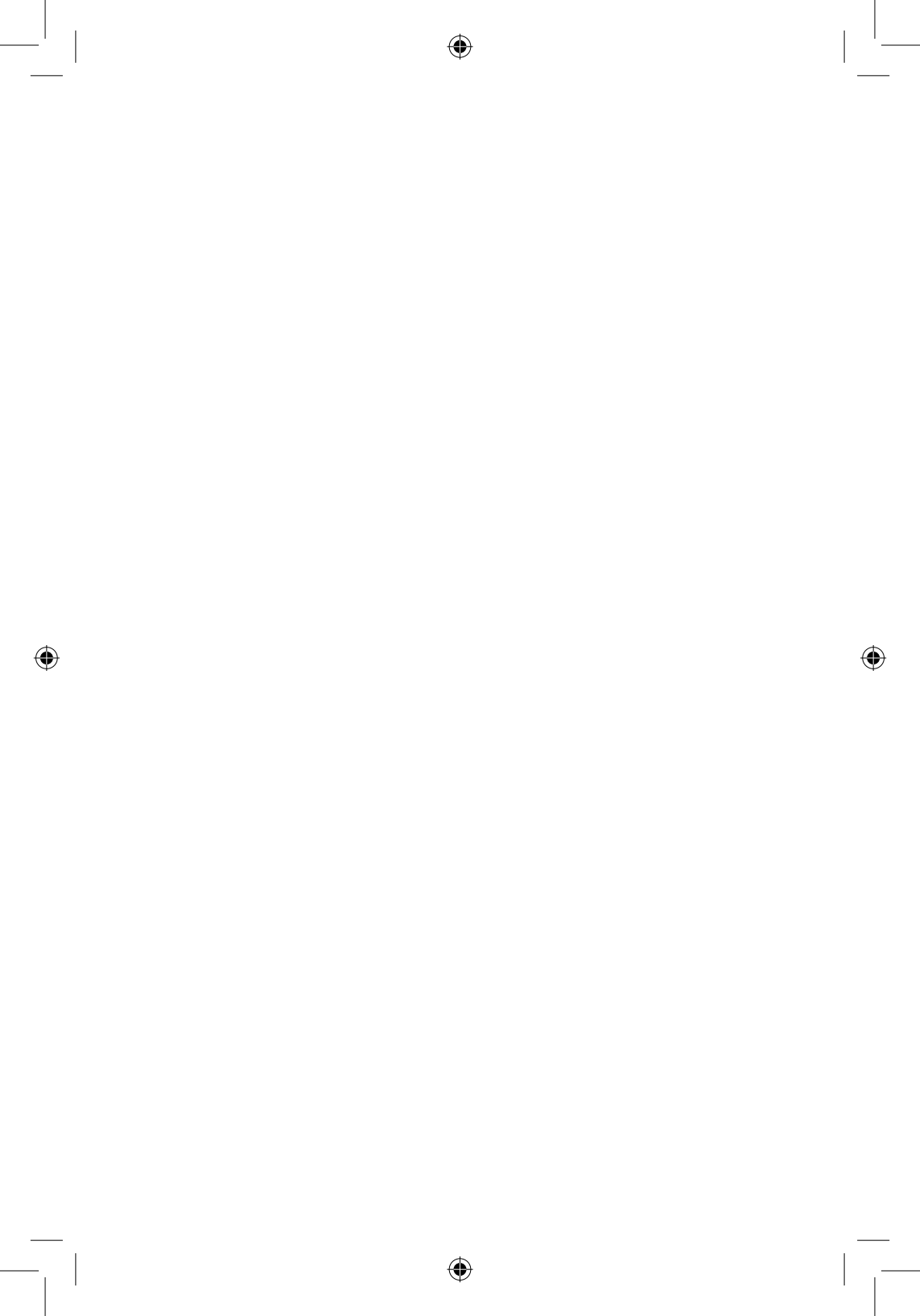
Estas histórias são uma pequena ode às lendas, aos contos de fadas e às narrativas que nos embalavam antes de adormecer. Àquelas histórias que floresciam nos nossos sonhos e que continuam a habitar o nosso próprio imaginário e mundo mitológico, mesmo quando crescemos. Permanecem escondidas nos lugares mais recônditos da memória, lembrando-nos de que a magia nunca desaparece por completo.

Esta nova edição é, para mim, mais do que uma reedição. É um reencontro com essas histórias, com a criança que as escreveu e com todos os leitores que decidiram caminhar por este bosque.

Espero que, ao entrarem nele, (re)encontrem também um pouco da vossa própria infância e magia.

Com carinho,

Diana Colaço





O LATIR DE UM CÃO

PEDRO vivia numa pobre cabana situada numa antiga aldeia e apenas se fazia acompanhar do seu cão Alex, um cão já muito velho, mas muito brincalhão, com quem tinha uma relação muito forte e genuína. Os pais de Pedro tinham falecido quando tinha oito anos, por isso teve de aprender a fazer tudo sozinho, somente com a ajuda do seu cão.

Nas noites de lua cheia, Pedro adorava passear pela floresta, sentir o cheiro húmido dos troncos de madeira depois de banhados pela chuva, o crepitar das folhas debaixo dos pés descalços e a brisa noturna. Seguiu os caminhos traiçoeiros, mas familiares, da noite escura até uma clareira onde, com o seu fiel companheiro, observava a lua e as estrelas. Por vezes, chegavam a adormecer ali, embalados pelos cânticos da natureza.

Numa noite, Pedro acordou assustado com um uivo. Levantou-se da cama de um salto, aterrando no chão gélido. O frio alastrou-se pelos seus ossos como se de um mau agouro se tratasse. A custo, o seu corpo congelado correu para junto de Alex. Encostou-lhe a mão no dorso e sentiu-o a tremer, embora aquela fosse uma noite quente. Pedro apercebeu-se de que tinha chegado o momento que mais temia, mas que sempre soubera que acabaria por chegar: o momento em que ficaria verdadeiramente sozinho. Lágrimas escorriam-lhe pelo rosto. Deixou-se encostar a Alex, sentindo a sua respiração pesada e não o largou, nem mesmo após a última palpação do seu coração.

Na manhã seguinte, podia sentir um vazio no peito, algo que havia perdido. Sentia-se desamparado sem Alex, o seu

companheiro que jamais o deixara sozinho. Vestiu-se para ir ordenhar as vacas, a única coisa que os pais lhe tinham deixado e o seu ganha-pão.

Ouviu o ruído característico do padeiro da aldeia quando o mesmo lhe ia trazer algum pão quentinho em troca de algum leite fresco, no entanto, ainda era muito cedo para isso. Avançou, desconfiado, até à porta de entrada da cabana.

— Quem é?

— Procuro um rapaz que aqui mora sozinho — respondeu uma voz rouca.

Pedro abriu a porta e viu um homem gorducho e alto com um bigode de lontra e roupas chiques.

— O meu nome é Baltazar — disse o homem. — Acolho crianças órfãs na minha grande casa.

Pedro desconfiou um pouco do homem com aspeto elegante, pois, na sua opinião, não se podia confiar nas pessoas ricas; estas davam mais valor aos objetos do que às pessoas. Porém, depois de conversar com ele, acabou por se desapoquentar um pouco.

O homem despediu-se e disse que, no dia seguinte, o iria buscar para o levar para sua casa. Talvez não devesse acreditar nele, mas parecia ter intenções genuínas. Pedro sentiu-se relutante em deixar aquela cabana, um lar coberto de memórias, porém, não tinha nada a perder, afinal, os seus pertences eram escassos e não tinha ninguém que o amasse nem alguém para amar.

Empacotou as poucas coisas que tinha e amarrou as vacas a uma árvore para as poder levar no dia que se avizinhava.

No dia seguinte, esperou pelo homem que só chegaria por volta do meio-dia. Enquanto aguardava a chegada



de Baltazar, não conseguia afastar um sentimento de melancolia por estar prestes a deixar aquele lugar. Não pôde deixar de pensar que era como se também estivesse a deixar Alex para trás. Quando, por fim, o homem chegou, conversaram mais um pouco:

— Por vezes... ouço o latir distante do Alex. E é como se fosse um sonho que não consigo alcançar — contou Pedro, deixando escapar um soluço.

— Oh, não debes ligar muito a essas coisas — disse Baltazar com um gesto de mão. — A partir de agora, não estarás sozinho. Terás uma casa, um lugar verdadeiramente merecedor desse nome.

Depois de conversarem, Pedro disse que gostaria de dar um passeio de despedida pela floresta da aldeia antes de se irem embora. O homem concordou de imediato.

Pedro foi então até à floresta onde iniciou o seu passeio. Era naquela floresta que havia passado muitas noites mágicas.

De repente, Pedro ouviu novamente aquele ruído, o latir do seu cão Alex. Parecia estar mesmo atrás de si. Quase conseguia sentir a sua respiração pesada. A esperança invadiu o seu corpo, mas sabia que não podia ser verdade. Virou-se sobressaltado e, atrás dele, estava Baltazar, que já não apresentava a mesma cara amistosa, como se se tivesse desfeito de uma máscara. O homem, que Pedro agora desconhecia, estava acompanhado de mais dois homens com um ar maldoso. Um deles tinha um saco grande nas mãos e preparava-se para engolir Pedro com ele. Pedro desatou a correr. Sabia de um atalho que levava à casa do padeiro, onde poderia pedir ajuda.

Pedro conhecia a floresta como se fosse a sua própria casa e, por isso, despistou facilmente os homens. A casa





do padeiro era já à direita da grande e velha figueira. Bateu à porta, mas não estava lá ninguém. É claro! O padeiro e a filha costumavam ir os dois distribuir o pão.

De repente, Pedro vislumbrou o corpo de um animal. Era Alex, ou pelo menos parecia ser. O seu pelo parecia ter um tom prateado. O animal olhava fixamente para ele, como se lhe quisesse dizer algo. Depois uivou e começou a correr em direção a um caminho estreito que ia dar à casa do sapateiro, um homem já velho de tanto trabalhar, mas com a energia de uma criança.

Pedro seguiu o animal. Quando chegou à casa do sapateiro, já não havia sinal do cão. Pedro bateu à porta sem hesitar, tinha quase a certeza de que não o tinham seguido, mas só quase. Desta vez abriram-lhe a porta. Pedro entrou imediatamente.

— Eu... preciso... ajuda! Uns homens... estão a tentar levar-me! Tinham um saco! Iam meter-me lá dentro e... — explicou, tentando recuperar o ar.

— Calma! Calma! Estás seguro agora — disse o sapateiro. — Espera aqui.

Pouco tempo depois, voltou com os dois caçadores da aldeia, que se faziam acompanhar de duas caçadeiras com as quais iriam afugentar os homens.

O sapateiro queria ficar na sua casa com Pedro, para o caso de os homens o seguirem. Pedro agradeceu, porém, conhecia a floresta melhor do que ninguém, talvez até melhor do que os caçadores. Estes tratavam a floresta como um local de trabalho, mas, para Pedro, a floresta era muito mais do que isso. Apesar da insistência do sapateiro, fez questão de acompanhar os caçadores.

Mergulharam na floresta. Pedro conduzia os caçadores quando ouviu o som de um galho a partir-se. Mais uma





vez, ali estava ele. Agora, Pedro estava perto o suficiente para ter a certeza de que se tratava de Alex, apesar do tom prateado. Mas não poderia ser. Devia ser uma ilusão. E Pedro era o único que o conseguia ver. O animal começou a correr em direção a uma árvore. Pedro seguiu-o. Os caçadores que tinham estado atentos a qualquer vestígio dos homens foram atrás de Pedro. Pedro começou a abrandar. Estavam a ir sempre a direito, em breve iriam embater na árvore. Mas o cão parecia não ter intenções de parar. Até que... Não, não poderia ser verdade. Seria um fantasma, um espírito...? Alex tinha acabado de atravessar a árvore. Pedro não podia acreditar. Nunca na sua vida vira uma coisa daquelas. Não conseguia desviar os olhos da árvore que Alex tinha acabado de trespassar. As vozes que se começaram a ouvir despertaram-no do transe.

Pedro apenas reconhecia uma, a de Baltazar, embora agora estivesse mais fria. As outras duas deviam ser as dos outros dois homens. Pedro virou-se e alertou os caçadores que lhe pediram para recuar. Um dos caçadores avançou pela esquerda. Esperaram um pouco e... ali estavam eles. Baltazar e os dois homens não demoraram muito até perceberem que tinham companhia.

Baltazar encarou um dos seus homens com um olhar severo e este correu em direção a um dos caçadores, que lhe deu um tiro no pé, fazendo-o uivar e cair. Com um suspiro de aborrecimento, Baltazar fez um gesto com a mão para o outro homem e desatou a fugir. O outro caçador seguiu-o, acabando por apanhá-lo. O homem que tinha ficado para trás avançou em direção a Pedro. Foi então que Pedro o viu novamente. Alex saltou para as costas do homem, fazendo-o cair para a frente. O homem gemeu de dor ao torcer o tornozelo. Quando olhou por



cima do ombro, os olhos arregalaram-se e um estranho medo invadiu-o ao perceber que não havia ali ninguém que pudesse tê-lo empurrado.

Alex correu em direção a Pedro, enroscou-se nele e latiu carinhosamente. No momento seguinte, desapareceu como se nunca tivesse lá estado. Ainda assim, era como se não tivesse, de facto, desaparecido. Pedro sentia ainda uma enorme e indescritível sensação de proteção, como se Alex permanecesse a seu lado. E talvez permanecesse, invisível aos olhos, mas sentido fortemente pelo coração de Pedro.

Pedro e os dois caçadores regressaram finalmente à aldeia, onde deixaram Baltazar e os dois homens ao cuidado da curandeira. O sapateiro acabou por acolher Pedro na sua casa e toda a aldeia se tornou uma grande família para ele. O padeiro e a sua filha, que acabou por ser sua grande amiga, ensinaram-no a fazer pão, e ele mostrou-lhes como se ordenhava uma vaca. Passou horas e horas com os caçadores na floresta. E até as curandeiras lhe ensinaram tudo sobre as suas ervas.

Pedro tinha-se finalmente apercebido. Estivera tão perdido na sua dor que nem sequer se tinha dado conta de que já estava em casa há muito tempo e que, na verdade, possuía algo invejável: amor.